

Fátima na luz da Páscoa

6 a 9 de abril de 2023, Tríduo Pascal / Santuário de Fátima

QUINTA-FEIRA SANTA

PRIMEIRO ENCONTRO

Oferecer a vida por amor

1. Pórtico

Hoje é Quinta-feira Santa, o início do Tríduo Pascal.

A luz que brilhou em Fátima em 1917, trazida na visita da «Senhora mais brilhante que o sol», não foi outra senão a luz da Páscoa de Cristo, morto e ressuscitado. O que em Fátima aconteceu, envolvendo as três crianças pastoras, só se entende à luz dos acontecimentos pascais, nos quais Deus, levando o seu amor por nós até ao extremo, se abaixou para lá do extremo, vergando a sua misericórdia sobre a nossa humana e mortal fragilidade para torná-la participante da sua própria vida em plenitude.

Assim vemos acontecer já na Última Ceia, com a qual tem início o tríduo pascal. Nesta ceia, a primeira de uma nova Aliança, Jesus antecipa o livre oferecimento da sua vida por amor no pão e no cálice repartido, e no lavar dos pés aos seus discípulos.

De modo semelhante vimos acontecer em Fátima quando, por meio de Maria, no dramático início do século XX, Deus se debruçou com entranhas de misericórdia sobre a humanidade em sofrimento, afirmando-se próximo e comprometido com a História dos homens que quer reparar e salvar.

Ao iniciar estes dias do tríduo pascal, somos convidados a mergulhar no mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus, abrindo-nos à Luz da sua Páscoa, que por meio de Maria brilhou em Fátima, invitando a fazer da vida uma oferta a Deus *por Cristo, com Cristo e em Cristo*.

Em cada dia do tríduo, estes momentos meditativos oferecem-se como espaços contemplativos e orantes que ajudem a fazer da vida uma oferta por amor por inteiro, ajudados pelo testemunho de Lúcia, Francisco e Jacinta.

2. Leitura

Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os seus que estavam no mundo, **levou o seu amor por eles até ao extremo**. Enquanto celebravam a ceia, Jesus, sabendo perfeitamente que o Pai tudo lhe pusera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantou-se da mesa, tirou o manto, tomou uma toalha e atou-a à cintura. Depois deitou água na bacia e começou a lavar os pés aos discípulos e a enxugá-los com a toalha que atara à cintura. Chegou, pois, a Simão Pedro. Este disse-lhe: «Senhor, Tu és que me lavas os pés?» Jesus respondeu-lhe: «O que Eu estou a fazer tu não o entendes por agora, mas hás de compreendê-lo depois». Disse-lhe Pedro: «Não! Tu nunca me hás de lavar os pés!» Replicou-lhe Jesus: «Se Eu não te lavar, não terás parte comigo».

/ Jo 13,1.3-8

«**Quereis oferecer-vos a Deus** para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em ato de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?» «Sim, queremos». «Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto». Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: «Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento».

/ Do diálogo da Senhora do Rosário com os Pastorinhos, *Memórias* de Lúcia

3. Meditação

“Não a mim, Senhor. Não me lavarás os pés; jamais permitirei que me laves os pés”. Também eu, quiçá como Pedro, ousou entender os gestos de Jesus sem me dispor a abrir-lhe inteiramente o coração e a vida. Ouso mesmo colocar limites ao excesso do amor, como se me parecesse demasiado que aquele que é o amor-todo, excessivo em absoluto — e, porque assim excessivo-em-si, sem excesso algum —, não pudesse amar e amar-me para além da minha medida. É tão pequena a minha medida... Pedro ainda não sabia realmente que o amor daquele a quem seguia e amava como Mestre e Senhor era assim, deste calibre, apontado ao extremo, capaz do excesso, fiel até ao fim. Ou talvez soubesse. Talvez o soubesse assim; e talvez soubesse que só no excesso do dom de si mesmo seria capaz de afinar pela mesma clave. Talvez soubesse e temesse. Temesse que seguir e amar aquele que era o seu Senhor e Mestre sintonizado com o seu modo de amar o conduzisse, ainda em sintonia, a igual modo de «amar até ao fim» e ao mesmo fim — não visto ainda, mas porventura já pressentido.

Nesta Ceia última, primícias da ceia plena na qual permanece presente, da “ceia das ceias”, Jesus leva o amor pelos seus, por todos, até ao extremo. A entrega extrema — ou os extremos da entrega — virá ainda, mas nesta Ceia última e primeira é já o extremo do amor que se faz pão partido para a vida do mundo, que se faz sangue derramado e partilhado, que se faz sinal eloquente do amor que se dobra e desdobra em trabalhos de elevação do outro — amor-serviço, amor-doação, amor-entrega —, é já este extremo do amor que está presente, derramado, plena e inteiramente derramado, sobre a toalha que cobre a mesa, sobre a toalha que cinge a cintura. Amor eucaristicamente derramado.

“Não tomareis parte comigo, se não vos envolver assim nesta dinâmica de amor que se concretiza em oferta da vida”, diria Jesus aos seus amigos, incrédulos com o seu gesto, atónitos com as suas palavras, cegos pelo paradoxo que viam, surdos pela agudeza do que escutavam. “Quereis tomar parte comigo?”, parece que o ouvimos perguntar.

«Quereis...?», «Quereis oferecer-vos...?», perguntaria a sua Mãe à Lúcia, ao Francisco e à Jacinta, como que emprestando a voz à mesma pergunta do seu Filho. Interpela-os como quem desafia ao compromisso inteiro das suas vidas para o amor. É ainda o amor, a oferta da vida por amor, que continua a colocar-se a estes pequenos pastores — e, hoje, a cada um de nós — como pergunta-chave para o decisivo da vida. Quando veem a sua liberdade interrogada e desafiada para a entrega de si mesmos a Deus, é para a dilatação dos seus corações até à medida ampla e funda do coração do Mestre

e Senhor que os três são convocados: para tudo suportarem, por amor, até ao extremo, vivendo para mostrar a todos a misericórdia de Deus, com particular dedicação para com os que mais precisam de a reconhecer, os mais afastados do amor.

O mistério diante do qual somos hoje convidados a colocar-nos é o mistério da liberdade absoluta para amar. Mistério de paradoxos: chamados em liberdade e à liberdade, vemo-nos convidados a livremente depor a vida sobre o altar da entrega de nós mesmos por amor, sempre. E sempre por amor.

«Compreendeis?» – perguntará Jesus. “Compreendei: como eu vos amo, amai-vos também.” O Filho de Deus pede a cada um de nós não só que nos amemos e amemos *porque* Ele nos ama, mas antes, e sobretudo, que nos amemos e amemos *como* Ele nos ama: baixando-nos para o encontro e o serviço humildes e autênticos e para nos levantarmos reerguendo connosco o outro que se encontra prostrado sob o peso da sua dor, da sua fragilidade, das suas mortes. É também assim que seremos reerguidos. É assim que nos veremos atravessados por essa luz pascal em que se viram os pastorinhos e na qual se reconheceram autenticamente olhados e amados, segundo o olhar e o amor de Deus.

«Quereis...? Sim, queremos».

4. Oração

Pai, fonte do amor,
que não sabes senão amar e dar vida,
na luz da Senhora aparecida em Fátima
brilha a grandeza do teu amor
que se verga sobre a minha fragilidade
e se faz pão partido e repartido
para me dar uma vida nova;
e convida a fazer da minha vida dom
total e gratuito em resposta de amor a ti,
derramando-me pelos outros:

«Quereis oferecer-vos a Deus?»,
para tomar parte na oferta que fez de si mesmo o teu Filho?

R: Sim, quero.

Como Maria, em disponibilidade total?

R: Sim, quero.

Como os Pastorinhos de Fátima, em confiança filial?

R: Sim, quero.

Faça-se em mim como Tu queres.

Ámen.

Textos

André Pereira

Sandra Bartolomeu, sns



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA